

Educação Digital Crítica para todes
Conferencia FAccT Rio | 4 de junho 2024
Transcrição Transcrição de áudio

INTRO:

Este podcast faz parte da campanha Educação Digital Crítica para Todes. Uma aposta de aumentar a conscientização e gerar conversas sobre o direito à educação na era digital.

A campanha é um projeto da JAAKLAC, uma iniciativa em colaboração com jovens, professores e ativistas de direitos digitais da América Latina e de todo o mundo.

Encontre mais informações sobre a campanha e os espaços para participar dela na descrição do podcast.

Neste episódio, André Sarli, Laís Pinheiro e Soledad Magnone conversaram com Ketelen, Yuri, Antonio Gabriel e Paulo, das organizações de jovens e adolescentes do Núcleo de Cidadania Adolescente de Vitória da Conquista da UNICEF e a Liga de Jovens Baianos.

Ouiremos os depoimentos sobre o que está acontecendo dentro e fora da escola em relação à educação digital? O que deveríamos estar aprendendo sobre tecnologias digitais? Si o ChatGPT deve decidir o que deveríamos estar aprendendo? E como podemos criar uma educação digital que promova a justiça, a responsabilidade e a transparência?

///

Laís: bem, deixa eu me apresentar, dar uma boa tarde para todo mundo. E, antes de mais nada, dizer da alegria que o Nunca de Vitória da Conquista está tendo nesse momento de participar de um bate-papo tão importante para o nosso crescimento, para o crescimento dos nossos adolescentes e jovens.

Infelizmente, nem todos puderam estar conosco hoje, mas os representantes que aqui estão vão se comprometer também de replicar o nosso bate-papo para outros adolescentes e jovens, para que a gente possa intensificar essa discussão A respeito da educação digital, das mídias digitais, de como é que a gente lida com tantas

informações que chegam tão rapidamente à palma da nossa mão, não é? E como é que essas tecnologias também podem impactar na nossa educação e como é que a gente lida com isso diariamente e, quiçá, também como é que a gente pode combater violências através das tecnologias. A gente sabe que as tecnologias estão aí para nos ajudar, para ajudar no nosso cotidiano e é um exercício também diário a gente se organizar para que essas tecnologias possam agregar sempre ao nosso conhecimento e à nossa formação.

E, em determinado momento, quando nós estávamos conversando, eu e os meninos, nós estávamos falando o seguinte, como é que a tecnologia, como é que em determinado momento, a internet e as outras tecnologias estão no nosso dia a dia. Então, eu posso iniciar dizendo o seguinte, que hoje em dia, muito do que a gente faz está ligado às tecnologias para facilitar a vida da gente. E sem internet, dificilmente a gente consegue realizar algumas ações, uma vez que nós já depositamos na internet, já depositamos na internet também muitas atribuições para facilitar a nossa vida. Então, por exemplo, como é que eu utilizo muita internet na minha vida? Fazendo pesquisas, gosto muito de ver vídeos, não sou fã do TikTok, mas acho interessante, e outras redes sociais também. E eu passo a bola agora... Para o Paulo Vinícius, para ele dizer para a gente... Como é que ele utiliza as tecnologias e as redes sociais na vida dele?

Paulo: Primeiramente, estão todo mundo me ouvindo bem? Todo mundo me ouvindo? Perfeito, perfeito. Prazer, viu? Primeiramente, meu nome é Paulo Vinícius. Eu criei realmente a Liga de Jovens Baianos, uma startup que busca criar projetos inovadores tecnológicos.

Então, a gente busca diminuir alguns problemas ambientais e sociais dentro do nosso estado, na Bahia. E aí a gente conversa com vários jovens por meio da tecnologia, né? A gente tem uma conexão com os jovens de mais de 18 municípios da Bahia, a gente se conecta toda semana, pra debater isso. Como a gente pode criar projetos inovadores? Como a gente pode usar a tecnologia hoje pra que a gente possa diminuir esses problemas e concentrar não apenas no futuro, mas no nosso presente? Porque o presente que vai construir o futuro. Então, a gente tem trabalhado muito nisso junto com esses jovens. Aí são jovens de vários lugares da Bahia que a gente tem feito isso. E, realmente, a tecnologia digital, a tecnologia em si, ela possibilitou a gente realmente criar um espaço de aprendizado. A gente pode obter dados, a gente pode trabalhar juntos por meio da tecnologia e a gente tem feito isso da melhor forma possível. Além de mostrar um pouquinho do que a gente tem trabalhado por meio das redes sociais, que a gente tem divulgado os nossos trabalhos, os nossos projetos e as nossas ações junto com o nuca, que foi por meio dele que a gente nasceu.

Além disso, a gente também tem contato com algumas pessoas dentro do Brasil e também fora do Brasil, para que a gente possa realizar alguns eventos. Por exemplo, um evento é o NASA Space Challenge, que é um evento da NASA, que também utiliza a tecnologia que a gente está organizando para acontecer esse ano aqui no nosso estado, junto com os Nucas.

Então, o objetivo realmente é esse, é tentar emergir mesmo os jovens dentro da tecnologia, mas mostrando os pontos positivos, como a gente pode usar dados abertos da NASA, que a NASA disponibiliza nessa tecnologia, com as pesquisas que a gente tem, como a gente pode realmente crescer em conhecimento com isso, com esses dados que a gente tem.

Então, realmente, é isso. Para mim, a tecnologia está 100% direcionada com a minha vida, nesses últimos meses, e a gente tem que trabalhar da melhor forma possível. Agora, passa a bola para a próxima. Fica à vontade.

Antonio Gabriel: Boa tarde. Me chamo Antônio Gabriel. Tenho 18 anos e moro em uma instituição, ainda por um tempo, em uma instituição beneficente, chamada Pequenas Arenas. Minha paixão por tecnologia já vem desde os meus 18 anos, quando eu ainda utilizava, na época, tablet e essas coisas. E aumentou mais ainda no ensino médio, quando eu entrei no técnico em informática no Instituto Federal.

E agora fazendo ciência da computação no Instituto Federal novamente. E eu utilizo muito da tecnologia para falar sobre, para pesquisar muito sobre curiosidades sobre outros países e também sobre o idioma do inglês, que é como a minha segunda língua, né? Que eu quero ter, assim. E eu sou amante da tecnologia e não escondo isso. Agora eu passo a bola para o próximo.

Ketelen: Meu nome é Ketelen, eu tenho 15 anos e sou integrante do Núcleo de Estadania de Adolescentes de Conquista. E a internet também está muito presente na minha vida hoje, até porque eu faço curso técnico de informática, então eu estou muito inerça nesse assunto. E eu uso a internet normalmente para pesquisar alguma dúvida sobre o colégio, para adquirir mais conhecimento e também para conversar, para jogar com outras pessoas, me socializar com outras pessoas de outros lugares. Obrigada.

Yuri: Boa tarde. Eu me chamo Yuri Carvalho, tenho 14 anos e eu costumo utilizar a internet para ler livros, para fazer trabalho de escola, principalmente. E na maioria das vezes, quando tem um tempo livre, a gente usa também para assistir aos vídeos no TikTok, que a gente não pode negar. Eu uso também para fazer pesquisas, sem ser relacionada à escola, eu uso para mim adquirir conhecimento com o que a gente me falou. E é isso.

Arjun: Sim, eu posso tentar fazer isso. Você tem que lembrar que meu espanhol não é muito bom, mas eu vou tentar fazer isso.

Eu sou um dos presidentes da conferência de FAccT este ano. Estou organizando com a Soledad e outros organizadores estes eventos em que a comunidade pode criar um espaço para fortalecer como as comunidades importantes em nosso campo. Por exemplo, no área de FAccT como se concentra na tecnologia e nos impactos sociais, é importante concentrar-se exatamente nos direitos digitais e os direitos no entorno digital. Isso é tudo o que eu vou dizer agora, mas eu adoro muito este evento e muito obrigado por fazer isso.

André: Olá, tudo bem? Meu nome é André Cardozo Sarli, eu sou brasileiro. É a primeira vez que eu participo dessa conferência FAccT. A FAccT é traduzida em uma conferência sobre responsabilidade, justiça e transparência das tecnologias. Então, mais ou menos, foi o que o Arjun falou. O trabalho é sobre a questão do impacto da tecnologia na sociedade e também a questão dos direitos digitais.

Então esse é um espaço social criado por essa conferência para que a gente possa discutir coisas, questões sociais, o impacto da tecnologia que a Soledad criou essa conferência, aliás, essa sessão de hoje. Eu sou pesquisador, eu sou natural de São Paulo, eu sou o primeiro formado em Direito, e eu pesquiso sobre os direitos digitais e redes sociais e inteligência artificial.

Eu gosto muito de utilizar a internet e a tecnologia. Essa foi uma das coisas, a internet e a tecnologia, uma das coisas que me ajudou a mim e a minha família a superar diversas dificuldades. Eu comecei a utilizar quando eu tinha 14 anos, e uma das coisas que eu mais gostava era aprender a fazer jogos e a criar jogos.

20 anos depois, eu não fiz nenhum jogo, mas as ideias ainda estão aqui, e agora eu gosto bastante. Eu gosto muito de brincar. De explorar as coisas com a inteligência artificial, com o ChatGPT, com o Bing, mas a questão é que como essas tecnologias foram criadas, existem os problemas como utilizar os dados, os dados que elas colocam na gente e os dados que eles mostram pra gente.

Eu percebi que vocês são muito inteligentes e sabem do que estão falando, mais do que a gente, em alguns sentidos. Obrigado por estar aqui.

Soledad: Obrigada a todas e todos. Eu vou deixar as perguntas que nós preparamos para começar a conversa. E a conversa, principalmente, intentamos fazer uma educação que seja de falar com outras pessoas e entender as diferentes realidades, e

não que eu sei, ou André, ou Arjun, ou Laís, quem sabe mais, mas como também podemos aprender das diferentes gerações, das diferentes idades, das diferentes pessoas vivendo, usando, imaginando as tecnologias para hoje e para o futuro. O que estão fazendo também vocês é muito importante. Podem elegir alguma das perguntas ou proponendo perguntas novas também, que podem ser interessantes para que todas conversemos.

Laís: Podemos ir por partes, né? Então, como focar os impactos sociais das tecnologias digitais? Como é que vocês, meninos, por exemplo, veem as tecnologias nos espaços sociais de vocês? Vocês acham que todas as pessoas que convivem com vocês têm acesso às mesmas tecnologias? Ou vocês acham que há meninos e meninas que têm acesso a tecnologias diferentes? Vocês gostariam de ter acesso a outras tecnologias? Como é que vocês veem essa questão?

Paulo: Então, vou começar aqui comigo, aí depois os meninos vão complementando, pode ser? Pronto, tranquilo. Então, a gente vê que não só dentro do nosso país, mas no mundo inteiro, a gente vive uma quantidade meio desigual, né? De informação, tecnologia, para alguns chegam de forma rápida, para outros chegam de forma mais demorada, e para outros nem chegam, principalmente as pessoas da zona rural em si, a gente destacando essas pessoas assim, que realmente demora a tecnologia chegar até eles, né?

Então, a gente vê que realmente a gente vive uma desigualdade aí também na parte da tecnologia, e também eu costumo dizer que a tecnologia simplifica a nossa vida em alguns sentidos. Nos dando suporte, nos dando ajuda, e para as pessoas a dificuldade tem sido muito maior. Como tem informações verdadeiras e verídicas, sendo que não tem uma informação, um dado que ele possa pesquisar ali. Pra gente aqui, facilita. A gente tem o celular, a gente abre o celular, pesquisa ali a informação que a gente quer e já vem essa informação. Então, eu começo dizendo que realmente é isso, a gente vive numa desigualdade. Quem quiser cumprimentar? Fica à vontade.

Ketelen: Eu concordo com o que ele falou em relação à desigualdade em questão disso, que tem pessoas que têm acesso, tem pessoas que não têm. Inclusive, muitas pessoas durante a pandemia que estavam tendo as aulas online tiveram muita dificuldade em conseguir assistir as aulas por falta de acesso à internet, por não conseguir ter acesso às aulas.

Então, de fato, a gente vê que há sim uma desigualdade onde pessoas têm, pessoas não têm, e isso acaba sendo um pouco prejudicial até para o próprio conhecimento,

porque a internet, assim como traz pontos negativos, tem muitos pontos positivos também. Então, se a gente está com dúvida em alguma matéria, com alguma coisa que a gente escutou, se a gente quer comprovar para ver se de fato é verídico, a gente vai na internet, pesquisa, aprimora.

Então, assim, a internet é uma coisa que, querendo ou não, a gente usa constantemente e muitas pessoas são afetadas por não terem o uso dela. Eu falo em relação a adquirir conhecimento, a se capacitar melhor em relação à educação, até na vida profissional mesmo, eu digo, e social. A internet tem um papel muito importante para a gente, e eu acho que a gente tem que ter um papel muito importante para a gente hoje.

Antonio Gabriel: Eu também concordo com o que a Ketelen e o Paulo falaram, e queria também dizer que, como eu, assim, há 10 anos atrás, a internet era mais difícil, né? Tipo, a gente só utilizava em longhouses, nem todos tinham dispositivos suficientes para utilizar, e isso era uma forma muito mais fácil de manipular em relação à desinformação. Muita gente, às vezes, acreditava muito no que o povo falava. Agora, com a internet, agora você consegue checar, ainda tem aquelas desinformações, mas são bem menos. Eu acredito que agora, apesar de muita gente já ter internet, ainda falta uma boa parte, como na zona rural. Eu sou de zona rural e às vezes sofro com conexão e eu vejo que isso é uma desigualdade imensa.

Paulo: Só queria destacar um ponto que acabou passando. Ainda pegando da parte da zona rural, isso sobre a tecnologia em si, a gente vê que muitas áreas têm se desenvolvido mais rápido por conta da tecnologia. Então, realmente, quando a tecnologia não está nesses âmbitos, nessas áreas que realmente necessitam, Principalmente na área da agricultura, na área da pecuária, o desenvolvimento é um pouco mais lento.

Não é que não acontece, mas é um pouco mais lento. Então, também, a informação da tecnologia em si tem chegado dessa forma e tem provocado também que o desenvolvimento seja mais lento dentro do nosso estado, do nosso país, sobre coisas que a gente poderia já ter um crescimento muito maior, como já temos um país desenvolvido, por assim dizer. Estamos em, Realmente nesse ponto aí.

Soledad: São temáticas super importantes, o que vocês falam da desigualdade, é uma temática que é muito importante para a Latinoamérica, que somos a região mais desigual socialmente do mundo. Então, como as tecnologias digitais estão ampliando os desafios ou reduzindo? Onde é que vocês estão aprendendo sobre essas problemáticas que estão falando, ou dessas oportunidades que vocês

estão falando? O que aprenderam na escola? Onde vocês aprenderam também, se não foi na escola, sobre essas temáticas?

Yuri: Eu não sei o resto, mas eu costumo aprender mais em casa mesmo. Eu acho que eu consigo aprender mais em casa do que na escola, não sei por quê. Em casa, eu acho que você se concentra. Consigo, muitas vezes, aprender muito mais em casa, sozinho, só eu, do que aprender na escola, muitos assuntos. Tem assuntos que, sim, eu tenho que aprender na escola, que eu consigo mais fácil aprender na escola, mas tem outros que eu consigo aprender mais em casa.

Ketelen: No meu caso em escola fundamental 1 e 2, é muito difícil falarem de fato sobre a internet, a tecnologia, como funciona, os pontos positivos e os negativos. A gente vê isso mais no ensino médio, quando é matéria técnica, sobre a tal disciplina que é a informática, que aí a gente tem uma certa base de como funciona a internet.

Normalmente a gente aprende mais em casa mesmo. A gente está no Instagram, a gente passa, a gente vê um vídeo de alguém falando sobre, a gente cria interesse, vai no próprio Google e pesquisa sobre aquilo e vai se intensificando naquele assunto. Porque eu acredito, pelo menos nas escolas que eu estudei, eu nunca tive uma base assim do que era a internet, do que era a tecnologia, os pontos positivos, o quanto ela pode te ajudar, mas o quanto ela pode te prejudicar também.

Na questão do crescimento, na questão do psicológico também, porque a gente vê muitas coisas que acabam afetando pessoas na internet, muito julgamento. Então, eu acho que é muito difícil a gente ter essa educação, de fato, sobre a internet, esse conhecimento nas escolas.

Paulo: Eu tenho mais buscado esse conhecimento em eventos relacionados à tecnologia, ao metaverso, inteligência artificial.

Então, eu tenho participado desses eventos para obter mais conhecimento. Além de que a gente pode realmente encontrar estudando né? Porque hoje a tecnologia encontra na nossa mão. Então, facilita muito. Mas minha parte principal é essa daí, participar em eventos relacionados a esses assuntos.

Laís: **E vocês acham que além de eventos, além de ir em casa sozinhos, vocês acham que deveria ter mais eventos ou mais oportunidades para vocês explorarem esse mundo da tecnologia, para ver se a gente consegue diminuir esse abismo entre a questão social? O que vocês acham? Vocês acham que deveria ter mais debates a respeito de tecnologias em outros espaços também?**

Ketelen: Eu acredito que sim, porque, querendo ou não, a internet faz parte da nossa vida hoje. Hoje é muito importante para a gente. Então, se a gente tivesse mais espaços voltados para justamente a gente adquirir esse conhecimento sobre a internet, facilitaria muita coisa. Porque, por exemplo, tem crianças aí de 5, 6 anos que sabem mexer em coisas mais do que um adulto, porque fica fuçando, mas não tem aquele conhecimento de que pode ser ruim para a justiça também.

Porque criança inocente não sabe que tem um lado negativo da internet então seria bom abrir esse espaço de comunicação entre criança, adulto, adolescente e adulto, para poder conciliar os pontos e falar a internet ajuda? Ajuda mas também tem os pontos negativos quando saber se eu estou caindo em um golpe na internet é assim, assim, assa porque às vezes é muito difícil a gente identificar essas coisas, por não ter o conhecimento que a gente deveria ter sobre aquele determinado assunto então na minha opinião deveria sim ter mais espaços, inclusive na própria escola, voltado para a gente adquirir esse conhecimento mesmo e levar adiante

Paulo: Exatamente, e assim, não só discussões entre adultos e crianças eu falo que quando a gente tem um contrato de jovem com criança, acho que o impacto ainda é maior porque a gente, todos os dias está ligado com essa tecnologia a gente que sabe Os adultos também sabem, mas a gente sabe os reais problemas que nós enfrentamos com a tecnologia hoje em dia.

Então, ter um debate sincero e direto com outros jovens da mesma idade, da mesma faixa e talha ali, tem um impacto muito maior do que o adulto em si falando, né?

Laís: **Então, vocês vão dizer assim, vocês consideram, por exemplo, o acesso a tecnologias como um direito? Você acha que todo mundo tem direito a acesso a essas tecnologias? O que vocês acham?**

Yuri: Só para complementar. Só, desculpa interromper, só para complementar o que a Ketelen tinha falado, que assim como a internet pode nos ajudar, ela também pode nos atrapalhar, e isso a gente consegue ver na pandemia. A pandemia eu acho que foi o momento que a gente mais utilizou a internet, porque a gente, querendo ou não, não tinha contato com outras pessoas para a gente interagir, e inclusive, vou usar o meu exemplo, na pandemia, como a gente tinha mais aulas online, acabou que prejudicou a minha escrita, porque só de lá de teclas, só escrevendo no celular, acabou que quando voltou as aulas presenciais, eu não estava mais conseguindo escrever direito, a minha letra ficou horrível, já não era das melhores, ficou pior ainda.

Laís: Ai, Yuri, excelente exemplo.

Soledad: Muitas coisas interessantes aqui, como está mudando também a educação em si mesma. Como está afetando a forma que nós aprendemos em si mesmo também? É importante reflexionar.

André: Uma pergunta que eu gostaria de fazer. O que vocês aprenderam na escola? Se na escola é um ensino transversal, todas as matérias que você é ensinado, por exemplo, se na matéria de história você tem um livro de história, mas o pessoal fala, cuidado com o que você busca no Google.

Porque no Google, na internet, pode ter uma informação que não é a mesma coisa. Ou se vocês, por exemplo, tiveram uma aula de informática, uma aula específica sobre pesquisas. Porque quando eu estudei, tinha uma aula de informática que era muito incipiente, que era muito coisas básicas. Então eu não sei como está sendo a educação hoje no Brasil.

Como que foi a experiência com você na escola sobre o ensino?

Antonio Gabriel: Bem, na minha disciplina de história, a professora não recomendava o Wikipédia, justamente por conta que poderia haver informações falsas, porque ali todo mundo pode colaborar com o site, né? E muita gente pode usar isso de má fé para, como se diz, jogar informações falsas e sempre que a gente ia fazer pesquisa, ela pedia para a gente procurar fontes confiáveis, artigos, essas coisas assim.

Mas, assim, em relação a ter aulas de informática no técnico que eu tive, não teve essa aula mesmo falando sobre pesquisas confiáveis ou não. Isso tudo eu aprendi fora da escola mesmo também.

Ketelen: Lá no meu colégio, no fundamental de fato, e até no ensino médio mesmo agora, eu tenho uma aula de iniciação a trabalho científico, onde a gente coloca até que pesquisa não é cópia. Muitas vezes os alunos vão pesquisar aquele assunto, botam no IA, na Inteligência Artificial, assistente lá, para pegar aquele trabalho já pronto, só que tem muitas informações que o IA pega informações da internet.

Então, ele junta vários conjuntos da internet e dá para fazer a pesquisa pronta. Só que a gente não sabe se é confiável aquilo. Então, os professores ajudam a gente a entender que uma coisa é você pesquisar para ficar por dentro daquele assunto. Outra coisa é você copiar o que você está vendo sem nem ler direito, confiando em uma fonte que você nem sabe se está certa.

Normalmente, é por isso que pedem para colocar a fonte correta. Onde você pesquisou aquele trabalho num trabalho pra entregar pro professor pra ele entrar naquele site, ver se tá certo aquela informação e continuar assim, porque infelizmente os adolescentes de hoje em dia estão pegando, estão copiando as coisas da internet sem ao menos olhar o que é que tá copiando, muitas vezes até se torna plágio, porque você pega uma coisa de outra pessoa, até uma opinião de outra pessoa que a outra pessoa colocou na internet você pega aquele negócio, coloca no seu trabalho e você entrega pro professor sem nem saber que aquilo além de ser prejudicial pro seu conhecimento é também um crime, né, que é um crime

Yuri: é, inclusive eu não sei se muitos conhecem a inteligência artificial do WhatsApp, Luzia na minha escola na minha escola até o ano passado Proibiram o uso de celular na sala porque os alunos estavam usando a inteligência artificial para responder atividades e para usar, quando passassem o trabalho e criar textos, eles iam na Luzia para criar o texto para eles.

Aí proibiram o uso de celular dentro de sala, então eles tiraram o celular da gente para a gente não mexer dentro da sala de aula.

André: É bem interessante saber disso. Eu não sabia nem que existia a inteligência artificial do WhatsApp, né? E você não acha que é um pouco contraditório que eles queiram que vocês tenham um ensino, queiram saber mais sobre a tecnologia de uma forma crítica, mas eles tiram o celular de vocês? O que vocês acham disso?

Antonio Gabriel: Eu concordo de... Eu acho um pouco contraditório de quererem ter educação digital, mas, ao mesmo tempo, tomar o celular da pessoa proibindo, né? Acredito que, no meu ponto de vista, deveria ter, assim, momentos ideais para utilização do celular e momentos que, ok, não utilizassem, entendeu? Porque, querendo ou não, uma vez ou outra, você poderia fazer uma pesquisa que não está no livro. Tipo, muitos livros estão desatualizados, assim, aí na internet fica mais fácil você procurar sobre.

Ketelen: Eu acho que é a mesma forma que eles falam para a gente buscar esse conhecimento de fato, mas proíbem o celular na sala de alô, até entendo o ponto de vista dos professores, porque eles não querem que a gente fique ali com dependência na internet, porque quando a gente vai fazer um vestibular, por exemplo, a gente não vai ter o acesso à internet para pesquisar as perguntas, para elaborar uma redação, um texto.

Então, assim, ao mesmo tempo que deve ter essa educação sim nas escolas, a gente também tem que aprender a separar, acho que vai mudar a gente também, a gente saber separar as coisas. A internet ajuda? Ajuda, mas tudo tem limite

Laís: E eu acho que vai muito também do que vocês falaram, por exemplo... Como é que a gente vai utilizar as tecnologias a nosso favor? Como o Ketelen disse, ajuda bastante, ajuda muito, mas se a gente não souber como utilizar, realmente a gente vai ter, vamos dizer, muita informação e pouca formação. É muita coisa que chega para a gente e a gente não consegue utilizar essas informações que chegam para algo mais construtivo, né?

E, realmente, às vezes a gente fala assim, poxa, mas a escola incentiva os das tecnologias, mas tira o celular da minha mão na hora da aula. Mas como é que esse celular vai ser utilizado na hora da aula, né? Essa é a questão, é a maneira como se utiliza, e não simplesmente utilizar por utilizar. Tem uma finalidade, e essa finalidade é sempre para a construção da informação, é sempre para a educação.

André: Perfeito, muito obrigado, pessoal. Eu queria apresentar para vocês alguns casos para a gente discutir brevemente. A gente colocou 20 minutos para isso, mas eu vou ser mais breve, até porque a discussão está sendo bastante produtiva. Até porque esses casos vocês já meio que introduziram, e vocês estão bem ligados no que está acontecendo.

Então, deixa eu compartilhar a minha tela aqui. Então, o primeiro caso é que o governo do estado de São Paulo, que é um governo que está sendo bastante criticado por querer já abarcar a tecnologia, às vezes, de uma forma não muito crítica. Por exemplo, o governo do estado de São Paulo, durante algum tempo, eles não quiseram mais comprar livros físicos, então somente livros digitais.

E isso, por si, é um problema, porque nem todo mundo tem condições de ler um livro digital. Muitos adolescentes, muitos estudantes, eles somente utilizam a internet, especialmente os que têm condições socioeconômicas piores, ou, por exemplo, em questões rurais, não tem computador, pelo telefone. Aí, a outra medida desse governo foi querer utilizar o chat GPT, a inteligência artificial, para produzir aulas, para produzir o currículo.

Esse é um dos problemas que eu queria discutir com vocês, como que a gente pode ter uma educação crítica, sendo que as pessoas que estão no poder, que deveriam pensar nisso, estão tentando, às vezes, utilizar essas ferramentas sem ser muito críticas. E qual que seria o problema da gente ter o ChatGPT, por exemplo, para produzir aulas?

Essa é uma das coisas que estão ligadas a um dos problemas da inteligência artificial e da tecnologia em geral. Por exemplo, recentemente, não sei se vocês sabem, o Google

lançou a inteligência artificial deles que busca competir com o ChatGPT. Mas eu acho que eles estavam tão apressados que eles não pensaram como os resultados poderiam ser criados.

E essa é uma das questões. Da onde vêm essas informações que a inteligência artificial tira? Como que eles conseguem esses dados? Eles conseguem esses dados muitas vezes sem consentimento para diversas fontes e muitas vezes sem os filtros. Porque a inteligência artificial não é feita para escolher a melhor resposta.

Os modelos que a gente tem hoje, que a gente chama de modelos de grande linguagem, os modelos do ChatGPT, que estão por trás dessas inteligências artificiais. Eles foram feitos para escolher as respostas mais óbvias, né? Então, quando você vai pesquisar alguma coisa na inteligência artificial, eles vão colocar assim, essa frase aqui está ligada com tal, então é uma ferramenta linguística, em que as respostas, muitas vezes, não são as melhores respostas.

Então, falta um pouco dessa questão do trabalho dos dados, de onde eles tiraram esses dados. Mas essa do Google falou que, entre outras coisas, que cobras são mamíferos, que gatos são da lua. Por exemplo, descobriu-se alguém colocou na inteligência artificial do Google, quantas gramas de mineral, quanto mineral você precisa por semana para você sobreviver.

E aí o Google apareceu nessa inteligência artificial que você precisa comer uma pedra por semana. E foram atrás de saber de onde veio isso. E viram que tem um site, tem um fórum chamado Reddit, que é o site do Google, que é o site do Google, que a gente é muito utilizado nos Estados Unidos, mas no Brasil a gente está começando a utilizar agora, que uma criança de 11 anos, para zoar, falou assim, você precisa comer uma pedra por semana, aí você vai ser todos minerais.

Então, é uma inteligência, para a gente é engraçado isso, porque a gente sabe, mas você imagina uma criança, uma adolescente que está na escola, assim, e começou a estar curioso, assim, ou até está com um problema de saúde, a comer uma pedra, né? Começa a levar isso a sério. Então, da onde vem essa segunda questão, da onde vem essas informações, né?

A terceira questão, a gente já falou, diversos países têm restrição a que os crianças e adolescentes utilizem celular na escola. Por exemplo, a França tem restrição agora, né? De uma certa forma, isso é um pouco contraditório, porque por exemplo, na França você é ensinado a ter uma educação digital crítica, sobre como você deve portar, utilizar a tecnologia, mas de outra forma está sendo um pouco paternalista. Que você não deve utilizar o celular.

Outra questão que eu queria falar sobre educação é que, para a gente, essa é uma foto criada pela inteligência artificial sobre indígenas norte-americanos. Essa foto tem vários problemas. Primeiro, como que foi treinada a inteligência artificial para fazer essa foto? Essa foto foi treinada sobre o trabalho de diversos artistas que não vão receber nenhum centavo. Provavelmente nunca vão receber nenhum centavo, a não ser que o ChatGPT, que os instrumentos de inteligência artificial façam um acordo com os artistas. Esse é um dos problemas, que você tem muito material que não só pode ser não relevante, mas também tem copyright.

Então, a segunda questão é que a maioria dessas inteligências artificiais são treinadas em dados que não são dados do nosso Sur Global então, se você for hoje pesquisar sobre indígenas no Google, no ChatGPT, ou mesmo no Google hoje, a maioria dos dados que vai aparecer não são dados relativos à nossa realidade do Brasil ou da América Latina. Porque essas tecnologias são feitas no norte global, para audiências do norte global, em vias do que eles necessitam. Então, tem, por exemplo, uma iniciativa, uma pesquisa de uma ONG no Brasil, que se chama Tideuá, que eles buscam que indígenas brasileiros, eles busquem, utilizem a inteligência artificial para mostrar a realidade deles.

Então, eles tiveram uma grande dificuldade para mostrar, por exemplo, indígenas brasileiros, porque não foi treinado nisso. Então, uma das questões de a gente ter uma educação digital crítica, né? E que seja responsável, transparente e justa, é que a gente tem que fazer esforços para que essas empresas que estão por trás, então, um dos problemas da tecnologia é que a maior parte dessas iniciativas são por parte de empresas, e essas empresas têm uma atenção maior para a nossa realidade aqui na América Latina.

Então, o trabalho, por exemplo, do Unicef, o trabalho, por exemplo, da Legião de Jovens Baianos, por exemplo, eu acho muito bom, porque isso busca trazer voz. Então, para mim, o que eu queria passar para vocês é que a educação digital crítica não é somente a gente aprender a utilizar a tecnologia, não é somente a gente aprender a criticar, mas a forma como a tecnologia é produzida e como a tecnologia é implantada, especialmente para a gente. E isso tem problema, especialmente para quem traz problemas, especialmente para pessoas que não estão em uma condição socioeconômica favorável. Que realmente não tem opções. O ponto que eu queria fechar, por exemplo, é que no Brasil a conexão na internet muitas vezes está ligada a que você por exemplo, você pode utilizar o Facebook, o WhatsApp, o Instagram de uma forma gratuita.

O que leva as empresas que estão por trás de você dessa tecnologia para a gente, são empresas norte-americanas que buscam utilizar, que a gente utiliza a internet para utilizar nossos dados. Né? Então, são alguns dos pontos que eu queria passar para vocês, para a gente continuar a nossa discussão, mas especialmente para a gente começar a pensar em coisas que a gente produzia em ideias ou então algumas conclusões que a gente poderia produzir para ter uma educação crítica digital de qualidade.

Eu não sei se eu me fiz entender bem, mas se vocês tiverem alguma dúvida, algum comentário, alguma sugestão

Ketelen: O que você falou me fez lembrar que muitas vezes a gente substitui até uma avaliação de um médico presencial pelo Google. Estou sentindo isso, vou lá no Google e coloco. Estou sentindo dor de cabeça, enjoo, dor no estômago, o que pode ser. O Google sempre vai trazer uma coisa horrível. Que você está com câncer, que você está com aquilo.

Aí a pessoa coloca aquilo na cabeça e fica, meu Deus, eu estou com isso, eu estou com aquilo. Mas não busca procurar um médico porque acha mais fácil na internet pesquisar. E isso é um erro, isso é uma imprudência da pessoa. Porque se eu estou sentindo alguma coisa, eu tenho que ir em um especialista que fez formação para trabalhar naquela área.

Aí tem pessoas que acham mais favorável, mais cômodo pesquisar na internet o que fazer nesses casos, o que pode ser. Isso é um erro. E como você mostrou, se não me engano, na segunda imagem, onde o Google dá erro, dá respostas erradas, isso é muito comum. Tem vezes que você pesquisa alguma coisa e o próprio Google responde para você, não entendeu, pergunte novamente.

Então, assim, o Google, a inteligência artificial, não está programada para saber tudo. Sim, você acha, o Google sabe tudo, mas não é desse jeito, o Google não sabe tudo. Tem coisas que ele formula por ele próprio, por ver em um site, em outro, ele junta a resposta e dá o que você quer, o que parece certo, mas não é.

Então, eu acho que as pessoas tinham que ter essa consciência de que a internet tem muita coisa, eu não lembro quem falou, mas que a internet tem muita coisa que não é o certo, que são mentiras, são fake news, que vem justamente para poder fazer com que a gente acredite nisso. Então, você vê que é muito mais fácil uma pessoa sem conhecimento cair nesse tipo de coisa e acreditar nessas coisas que vêm na internet, como uma notícia fake, fulano de tal morreu, o ator fulano de tal morreu, esse dia

soltou que Silvio Santos tinha morrido. Silvio Santos, como assim eu morri? Eu estou aqui ainda. Por quê? Porque as pessoas estão jogando notícias falsas na internet, infelizmente, tem pessoas que ainda não têm essa ferramenta de conhecimento. Para se identificar quando, de fato, é uma verdade e quando não é. Queria comentar isso porque eu achei que você falou, eu acho que se encaixa no que você falou.

Soledad: Como fazemos essa conexão entre as tecnologias digitais e as pessoas? Como fala, que teria que haver médicos, médicas de diferentes partes do mundo, de diferentes disciplinas também, revisando as recomendações da Google, das plataformas, como seria essa relação entre as tecnologias digitais e as pessoas? O que podemos fazer também como cidadãs das diferentes partes do mundo, para que essas tecnologias sejam mais transparentes ou mais justas, que brindem conta, digam o que fazem com esses dados, quem financia, como afeta as pessoas...

Ketelen: A tecnologia internet usada de forma errada afeta as pessoas em diversos aspectos, tanto na formação como o ser humano na sociedade, porque, por exemplo, no Instagram, a gente vê que muitas meninas, muitas mulheres idealizam um corpo perfeito por verem isso na internet. Então, acaba sendo prejudicial para o nosso próprio psicológico, para o nosso próprio emocional.

Inclusive, eu tive até uma aula em que o professor falava sobre isso, sobre como a internet pode ser maldosa. A internet não é só um... Uma coisa muito boa, ajuda a gente em muitas coisas, em muitos aspectos. Mas imagina aí, se os professores ou os profissionais fossem substituídos por máquinas, por robôs, por internet, como seria o mundo? Onde a gente ia parar? Não ia existir ser humano. Por quê? Porque iam ficar sem emprego. Por quê? Porque ninguém ia mais querer se formar para ter um professor de verdade iam ChatGPTar pela máquina, porque só por ela ser programada pela internet, por uma pessoa especialista, ela vai parecer mais certa do que um professor que é formado.

Então as pessoas vão ChatGPTar por quê? Não, vou na máquina, vou no negócio da internet, que é mais provável de estar certa do que um professor. Então iam deixar de se formar profissionais. E as pessoas iam acabar perdendo os empregos e acabar passando fome, acaba morrendo e assim virem a extinção da raça humana, é o que eu penso, então as pessoas estão colocando isso em jogo como se fosse uma coisa assim infelizmente foi normalizada mas na minha opinião não deveria ser a internet ela ajuda assim a gente em muita coisa, inclusive os professores a organizar uma tabela de horário, a organizar uma atividade para os próprios alunos, mas deve ser uma ferramenta que o professor utiliza não uma ferramenta que utiliza o professor, você entende?

Eu estou aqui, eu sou um profissional e eu vou usar a internet sim para me auxiliar, mas o que está acontecendo é a internet que está auxiliando as pessoas, ela te dá uma resposta pronta, você acredita naquilo, você nem busca pesquisar para ver se é verdade, não busca comprovar aquilo, só faz copiar aquilo, gravar na sua mente e você passa adiante, e assim vai criar uma sociedade onde vão acreditar em coisas que na verdade não são realidades, vão acabar sendo facilmente influenciadas e vai ter aquela pressão também da sociedade, porque, como eu falei antes do exemplo da idealização de um corpo, as pessoas levam isso adiante, idealizam um corpo perfeito, idealizam uma vida perfeita e acabam trazendo uma sociedade frustrada e uma sociedade muito menos inclusiva do que já é.

Paulo: Exatamente, né? Se eu falar rapidinho, viu? Só para pegar, senão eu esqueço o meu ponto. Realmente, é isso que a Ketelen diz, né? E eu falo muito sobre agora o metaverso, né? O metaverso está surgindo junto com a inteligência artificial em um âmbito muito maior. E aí as pessoas pensam, o metaverso vindo, as pessoas não vão precisar ir para as empresas trabalhar, as pessoas não vão precisar ir para a escola estudar, mas isso tem dificultado a mente das pessoas, né?

A gente vê que as pessoas não têm o raciocínio que elas poderiam ter em ter uma aula presencial, por exemplo, como foi no caso da pandemia, que a gente sempre volta nisso, porque a pandemia foi um exemplo real para a gente, da dificuldade que a gente enfrentou. Então, realmente, é isso que a gente falou, realmente é importante a gente pensar, que realmente traz esses problemas. E a gente tem que pensar no nosso futuro também, o que isso pode prejudicar para a gente? A desinformação, a nossa saúde em si, o que isso pode prejudicar também ao nosso redor? Então, tudo isso tem que ser pensado, calculado. E aí, por isso, eu dou o exemplo do metaverso hoje, porque agora o metaverso está surgindo em uma grande escala maior.

É usar um óculos VR, colocar o óculos VR e você está ali no universo totalmente paralelo. Então, realmente, é pensar nisso.

Ketelen: Pega nesse local de fala aí, eu estou aqui falando de novo, mas ele falou em questão do óculos. Não sei se vocês sabem, mas querem projetar até uma cidade que seja totalmente tecnológica, em linha reta, e você vê que essa questão está crescendo, a internet está crescendo, de pessoas, tem até ideias na internet, você precisa de pessoas que querem criar um mundo fictício, onde coloca aquele óculos de realidade virtual e trabalham por aquele óculos, fazem tudo sem sair de casa, então assim, vai aumentar, as pessoas vão ficando sem capacidade de aprender, porque fosse na

pandemia, na pandemia pergunta para alguém se aprendeu alguma coisa, não aprendeu, Por quê?

Era tudo por cima, a gente não conseguia prestar atenção, porque ficava em casa, qualquer coisa que passava a gente já se distraía, nossa mente já focava em outra coisa, os professores ficavam estressados por causa dos alunos. Então, infelizmente, eu digo infelizmente porque as pessoas não estão sabendo usar a internet com sabedoria, a maioria das pessoas.

Estão usando ela de forma equivocada, estão colocando ela acima da própria vida, estão colocando a internet como se fosse o centro do mundo e estão querendo transformar a sociedade de hoje em um mundo totalmente tecnológico. Ok, tem uns pontos positivos, tem, mas a maioria é negativa nessa questão, como eu falei antes.

Quem deve, a internet, ela deve estar ali para nos ajudar, para a gente usar ela como ferramenta, e não ela usar a gente como ferramenta, entendeu? Não ela nos usar como ferramenta na realidade, perdão

Yuri: E como o Ketelen tinha falado antes, né? Muitas vezes as pessoas se focam tanto na internet e no celular que esquecem que tem o mundo lá fora. E quando você, tudo que você utiliza demais, o que você usa demais, acaba prejudicando de qualquer forma. Também no seu envolvimento intelectual e no seu envolvimento psicológico. Porque muitas vezes a gente, como eu tenho usado o exemplo do Instagram, você entra no Instagram, todo mundo tem uma vida perfeita, ninguém fica doente, ninguém passa mal, não.

Todo mundo ali é perfeitinho. Ah, estou em viagem, vou postar uma fotinha. Mas a gente esquece que existe uma vida fora do celular. E a gente tem que aprender a diferenciar a nossa vida fora do celular e dentro do celular. Muitos jovens se prendem no celular e muitas vezes não

Paulo: Pegando ainda rapidinho só esse ponto do metaverso, falando que eu não sou contra, eu sou totalmente a favor do metaverso, mas usar ele com consciência, assim como a gente faz com a inteligência artificial, assim como a gente faz com a internet em si, por quê? Porque hoje também, vou dar só um exemplo, o metaverso está sendo usado hoje com a NASA para meio que fazer a base da viagem para Marte, né?

Eles estão fazendo a base ali com o metaverso. Então essas coisas do metaverso concordam muito bem, mas a gente usar realmente com consciência,

Soledad: Muito interessante. Diferentes pontos que afetam nossas vidas, que deveríamos estar aprendendo do psicológico. Do educativo, do social. Tantas de cultural, diferentes aspectos. E para ir cerrando a conversa de hoje, o que vocês consideram, que recomendação poderiam fazer de como ensinar sobre as tecnologias digitais?

Fazer uma ronda das recomendações finais, dos pensamentos finais sobre a educação digital crítica desde seus pontos de vista e a conversa de hoje. Podemos fazer uma ronda.

Paulo: Então, vou fazer minhas considerações finais aqui já, para finalizar minha parte. Em si, eu acho que realmente a era digital, a era da tecnologia, é agora, como a gente está vendo. A gente está avançando cada vez mais dentro da tecnologia em vários sentidos. Em sentido de saúde, em sentido de educação. Então, realmente, usar com qualidade, em que sentido?

Usar com consciência realmente vai causar um grande efeito e vai trazer um desenvolvimento muito grande dentro de nós mesmos aqui e também em outros âmbitos, né? Mas para isso tem que ser usado com consciência. Ela está aí, está aí. Para ser usada, está a ser usada. Mas usada de modo equilibrado.

Yuri: Como o Paulo Vinícius disse, que a gente possa utilizar a internet com consciência e que a gente possa saber que sim, ela tem seus pontos bons e seus pontos negativos também.

Ketelen: Como os meus dois colegas disseram, eu também concordo que a internet é um espaço onde todo mundo deve interagir, onde todo mundo tem que ter acesso por questão mesmo de crescimento educacional e social e profissional, que ajuda muita gente nessa questão educativa. Mas tem que ser usada com responsabilidade, com consciência, porque muitas pessoas não fazem isso, usam de qualquer maneira, até para praticar bullying pela internet, para ofender outras pessoas, para jogar fake news e para colocar diversas outras mentiras que a gente acaba acreditando por falta de conhecimento. Então, assim, a internet, ela é muito importante hoje pra gente, pra geração de hoje. Antigamente não tinha tanto isso, porque é difícil, né? Um pai, um avô, se eu falar, que ficava na internet o tempo todo, você ouve assim, cadê o celular, menino, menina? No meu tempo não era assim, não. Mas por quê? Porque cresceu muito, expandiu muito esse mundo tecnológico, né? Então, assim, eu acho que a gente tem que aprender, sim, a usar com responsabilidade a internet, porque é um ambiente perigoso também. As pessoas acham que não, desacreditam que é perigoso, mas é muito perigoso a internet.

As pessoas podem ser facilmente enganadas. Então, assim, esse espaço da tecnologia, ele é importante, como eu falei antes. Então, ele ajuda a gente a se capacitar, como aprender, assim, para adquirir conhecimento mesmo. Então, assim, deveria sim ter uma educação pelo menos básica, no mínimo básica nas escolas, para ensinar a gente pelo menos alguns pontos positivos e negativos da internet, desde o fundamental, para a gente já ir crescendo e já aprendendo aquilo, porque hoje em dia as crianças só faltam nascer com o celular na mão, já tocando em tudo.

Então, assim, é muito importante a gente ter a consciência disso, né? Uma pessoa não faz a diferença. Várias pessoas fazem, sim. Então, se a gente se unir, se a gente se juntar e lutar para uma sociedade com conhecimento para conseguir ter uma geração no futuro mais capacitada, mais edificada e sem cair em fake news na internet, a gente vai conseguir, sim, manter uma geração estável, uma sociedade com até um bem-estar melhor, com um emocional melhor.

Porque, infelizmente, a internet, de certa maneira, prejudica muito a nossa cabeça, porque a gente vê uma coisa, a gente vê outra coisa que deixa a gente mal, a gente se compara, a gente vê um comentário ofensivo de outra pessoa, isso acaba deixando a gente pra baixo, então assim a internet, ela é um lugar muito bom, mas é muito perigoso também, então a gente tem que saber usar com responsabilidade e com consciência e passar esse conhecimento que a gente tá tendo aqui hoje e que a gente adquiriu antes também pra outras pessoas pras gerações futuras, pra que elas cresçam e entendam, olha a internet é um lugar que ajuda a gente, sim mas é um lugar perigoso, eu vou andar por aqui que é um caminho que vai me ajudar mas eu não vou desviar minha rota e passar pra cá que vai fazer com que toda a capacitação que eu tive até agora toda edificação que eu tive até agora seja banida por sofisma que a própria internet manda pra gente

Antonio Gabriel: Eu também concordo com o que os três falaram e queria também levar para um ponto de alertar também, as escolas alertarem aos pais, justamente os adolescentes que entram nesses jogos como, vamos supor, Roblox, Free Fire, pois há muitas pessoas também lá que usam de má fé para seduzir as crianças, entre outras coisas, entende? Então, acredito que a escola deveria também ter um papel essencial em alertar tanto os alunos em educação digital como os pais, pois é bem importante isso. É isso.

Ketelen: Aproveitando o que ele falou, eu acho isso muito interessante também, não só alertar os adolescentes que estão usando a internet, mas os pais, pra ficarem ali pra observarem que os filhos estão mexendo na internet, porque os pais deixam alguns

pais, não são todos, não vou generalizar mas alguns pais só soltam o celular na mão de um adolescente, de uma criança, mas nem se preocupam em saber com o que ele está mexendo ele pode estar acessando uma página errada pode estar até conversando com uma pessoa achando que é outra, porque tem isso não sei se vocês assistiram uma novela que passou, onde a menina conversava com uma mulher achando que era uma famosa e não era era um pedófilo que estava conversando com ela, mas que com a edição da internet mostrou pra ela que era uma coisa que não era então assim, eu acho muito importante o que ele falou, sobre falar Com os pais também, aconselhar os pais fazerem reuniões pra chamar os pais pra conversar com os pais, pra conscientizar eles pra ficarem de olho nos filhos, talvez os adolescentes não gostem dos pais em cima, mas é essencial pra eles poderem crescerem porque adolescente assim, criança, adolescente não é maduro o suficiente pra mexer na internet de todos os modos então tem coisas que eles vão poder mexer sim, mas tem coisas que devem ser privadas porque tem coisas que eles não podem acessar pelo próprio bem deles eles não entendem agora, mas quando crescerem vão entender que foi pro bem deles

Laís: Vocês reparam que eu fico babando, gente? Eu preciso pegar um babador aqui para eu poder limpar a mesa, porque está demais, sabe? A gente fica muito feliz de ter uma oportunidade como essa e poder ouvir vocês, meninos e meninas, a respeito dessa temática que tanto faz parte da vida de vocês e ver também o interesse de vocês em levar informações também.

Às vezes não é só adquirir, não é só vem a nós, né? Mas vocês também se preocupam e fazem uma crítica construtiva ao uso dessas tecnologias que, como vocês bem disseram, vocês usam, né? Vocês utilizam essas tecnologias para vocês, mas vocês também consideram que isso pode ser muito perigoso caso vocês não saibam como ministrar. E as famílias precisam também estar atentas a esse diálogo. Uma vez eu tive a oportunidade de ir à casa de uma senhora e a criancinha, a filha dela, estava chorando, chorando, e a menininha só sossegou depois que a mãe deu o celular para ela. Então, é como se aquela tecnologia realmente tivesse hipnotizado aquela criança a ponto de só sossegar depois de ver aquela telinha ali com os desenhinhos, né?

E aí a gente parte para poder pensar, poxa, será que a tecnologia vai substituir a interação entre as pessoas? Será que é melhor a gente sempre estar do outro lado da tela do que interagindo? A gente teve uma oportunidade de vivenciar isso durante o período pandêmico, como vocês bem disseram, onde tudo era mais online.

Hoje faz sentido a gente estar aqui, no evento online porque a gente está falando disso faz super sentido mas na pandemia vocês vivenciaram essa situação que vocês, até

fizeram uma crítica quanto a isso eu não falei no início. Mas eu estou como articuladora do selo UNICEF no nosso município e também como mobilizadora de adolescentes, a mobilizadora do NUCA. Então, a gente fica muito orgulhoso. Eu, mas ainda que eu estou babando aqui de tanto orgulho dos meninos. Tanto os meninos do NUCA da gente aqui, quanto da fala de Gabriel, pela experiência que ele tem também pela postura que ele demonstra também e pelo fato dele se interessar por outras línguas. Gabriel, acho isso muito bacana porque a gente, quando a gente aprende uma língua, a gente também aprende junto uma cultura.

E quando a gente aprende uma cultura, a gente começa a interagir no mundo do outro. Isso é maravilhoso, parabéns, tá? E eu encerro dizendo que o NUCA de Vitória da Conquista, ele tem alcançado muita coisa bacana, graças ao interesse e o protagonismo desses nossos adolescentes. Até porque o NUCA, ele fomenta a participação cidadã desses meninos e meninas de 12 a 18 anos.

Na implementação das políticas públicas municipais. E a gente fica muito feliz de ver todo esse engajamento. Nós temos algumas atividades ainda que nós vamos desenvolver até dezembro. E tomara que a gente consiga desenvolver ano que vem. E uma dessas atividades, como eu até citei em outro momento, é o combate às violências públicas que a gente vai realizar fazendo o mapeamento das escolas aqui do nosso município, junto com o Núcleo de Monitoramento e Prevenção à Violência nas escolas, que é um núcleo que se propõe a realizar atividades de formação e também mobilização no ambiente escolar voltado para o combate à violência. E conversando com os meninos do NUCA, eles têm muito interesse de ir junto com esse núcleo às escolas para poder mobilizar outros adolescentes e jovens no combate às violências.

E dessas violências está o bullying e o cyberbullying. Para isso, a gente vai precisar, claro, passar por momentos formativos para saber como é que a gente vai realizar essas abordagens na escola. E quando a gente for falar de cyberbullying, é óbvio que a gente vai falar de direito digital, acesso ao direito digital nas escolas, é claro que a gente vai falar de tudo isso que a gente falou aqui, que também vocês colocaram, né, a gente espera iniciar mês que vem, porque mês que vem é o aniversário do ECA, do Estatuto da Criança e do Adolescente, e a partir do aniversário do ECA, a gente vai desenvolver uma série de atividades com esses adolescentes, é claro, sempre focando no protagonismo deles, né, além disso, a gente já tem outra proposta, recebi hoje uma proposta da Secretaria de Educação Meninos, para a gente poder também falar sobre, olha, a gente é chique, vocês são demais, antes da gente começar, a equipe do Busca Ativo Escolar propôs realizar uma atividade em conjunto para a gente ir às escolas e falar sobre fatores que levam adolescentes e jovens a abandonarem as escolas.

Bullying é um fator que leva ao abandono da escola, outras violências é um fator que leva ao abandono das escolas, o trabalho infantil é um fator que leva à evasão escolar.

Então, tudo isso que a gente está promovendo a partir de hoje vai servir muito para que a gente possa levar adiante essas temáticas no meio escolar, mas também em todos os ambientes de participação social em que vocês são protagonistas. Então, eu agradeço demais a oportunidade, estamos à disposição, eu adoro essa palavra, adoro essa frase, estamos à disposição.

E acredito que a gente possa, sim, vir a desenvolver outras atividades em prol desses meninos e meninas, tanto do nosso município, quanto dos estados, quanto dos países, porque proteção precisa ser uma língua só. Então, muito obrigada.

André: Muito obrigado, Laís, muito obrigado a todo mundo, a Ketelen, o Antônio Gabriel, o Yuri e o Paulo. A participação de vocês é essencial porque uma das perguntas que a gente tem é que tipo de ações nós podemos tomar? E essa é uma excelente resposta. Temos a questão da educação, a questão da educação que a gente está vendo que tem alguns problemas que falta de foco na educação digital crítica no currículo e a participação do terceiro setor e a articulação de ONGs, de iniciativas que são por parte de adolescentes ou por parte de conjunto.

Eu acho que essa é... Essa é uma das melhores formas de a gente ter essa educação digital crítica. A gente está vendo agora o excelente trabalho do NUCA, os adolescentes, eu aprendi muito nessa sessão de hoje, coisas que eu não sabia. Então, só isso já é uma das melhores formas de você fazer uma educação digital crítica e você compartilhar essas informações, você fazer essas articulações.

Eu me pergunto, por exemplo, se tem alguma espécie de NUCA também em Fortaleza, onde mora o Gabriel, ou alguma coisa assim. E que tipo de trabalho como esse existe no Brasil, se existem outros núcleos, se existem outras iniciativas como a Liga de Jovens Baianos, que o Paulo falou, para a gente poder compartilhar.

Porque muitas vezes a gente... O Brasil é um país enorme, a gente... A gente demora, sei lá, três, quatro horas de viagem para sair do Sudeste até o Norte e o Nordeste, ou entre o Nordeste e uma parte do Norte. Então, a gente ter essas informações sobre as iniciativas e compartilhar é uma das melhores formas de a gente ter uma educação digital crítica. Então, especialmente na questão do Brasil, muito desigual, muitos problemas de você implementar políticas públicas, muitas vezes muda o governo, sai um pro governo, entra outro, acaba um programa. Então, eu acho que isso é essencial,

ter esse tipo de coordenação, de articulação, de falar com outras iniciativas semelhantes.

Eu achei muito bom, eu estou muito feliz de participar aqui agora eu deixo a Soledad encerrar a sessão. Muito obrigado. Foi um prazer conhecer todos vocês. Eu espero que a gente continue se falando, né? Tenho certeza que no futuro haverão mais oportunidades, haverá mais possibilidades e eu vou, na minha parte, eu vou adorar compartilhar o que vocês estão fazendo, onde vocês estão, tá bom? Muito obrigado.

Laís: Ah, antes de a Soledad falar, deixa eu quebrar o protocolo por 30 segundos, não precisa contar no cronômetro. Paulo, esqueci de contar. A Liga de Jovens Baianos, em que ele é o fundador, nasceu dentro de um encontro do NUCA. Nós viajamos para Salvador para receber um prêmio por iniciativas voltadas para a sustentabilidade. O nosso município foi destaque. E, chegando lá, nós tivemos a oportunidade de conversar com outros adolescentes, e Paulo teve a ideia, ô, Laís, será que a gente consegue realizar uma espécie de associação de jovens voltado para a sustentabilidade e tal? E a gente falou, não, vamos mudar a associação, vamos colocar Liga, pronto, Liga de Jovens Baianos.

Liga de Jovens Baianos surgiu ano passado através de uma atividade do NUCA, e isso é claro que deixa a gente muito feliz, né? Então, a partir daí, e a partir de agora, a gente conseguiu agregar vários jovens da Bahia, viu, Gabriel? Mas se você quiser participar também, você pode curtir a página dos meninos lá no Instagram, que é aberta para todo mundo poder curtir, participar, e também acrescentar os conhecimentos também.

Soledad: Obrigada pela informação. Estou muito agradecida, é um honor fazer conversa com vocês.

OUTRO

Gostaria de participar dessa conversa?

Acompanhe a campanha Educação Digital Crítica para Todes no site e nas mídias sociais da JAAKLAC e das organizações parceiras.

Conecte-se para apoiar e saber mais em redes sociais sobre o trabalho do NUCA em questões de violência digital nas escolas e da Liga de Jovens Baianos em juventude, educação, ciência, tecnologia e inovação.

Obrigada por nos ouvir! Esperamos que você tenha achado interessante.